

da América, teve que ter cautela quanto a admitir qualquer interesse assim tão suspeito. Foi só em 1920, já na idade de 73 anos, que Edison revelou seu trabalho secreto na pesquisa psíquica. Ele contou a seu amigo, B. C. Forbes, mais tarde o fundador da revista *Forbes*, a estória que se tornou uma sensação: "Edison Trabalhando para Comunicar-se com o Outro Mundo" (*American Magazine*; outubro, 1920). A imprensa mundial ofereceu amplos detalhes fantasiosos sobre o seu aparelho para comunicação com os mortos. Um jornal francês até forneceu um diagrama que, naturalmente, só Edison sabia que era uma fraude.

O mundo científico zumbiu, cheio de boatos. O *Scientific American*, que publicou uma entrevista oficial com Edison, apresentou uma reportagem correta. Em uma entrevista (30/ outubro/1920), Edison substanciou os detalhes básicos do artigo de Forbes e somou suas opiniões sobre a possibilidade de vida após a morte, muito parecidas com as que aparecem em seu diário:

"Se a nossa personalidade sobrevive, então é estritamente lógico e científico presumir que ela retém a memória, o intelecto e outras faculdades e conhecimentos que adquirimos nesta terra. Portanto, se a personalidade existe depois daquilo que chamamos morte, é razoável concluir que aqueles que abandonam esta terra gostariam de comunicar-se com aqueles que aqui deixaram.

"... Estou inclinado a acreditar que, no futuro, a nossa personalidade será capaz de afetar a matéria. Se este raciocínio está correto, então, se pudermos produzir um aparelho tão delicado que possa ser afetado, ou movido, ou manipulado... por nossa personalidade, tal como ela sobrevive na vida que vem a seguir, tal instrumento, quando estiver à nossa disposição, deverá registrar alguma coisa."

Para Edison, os incômodos procedimentos das sessões espíritas daquela época pareceram toscos. Especialmente as sessões com mesas que se movimentavam pareceram-lhe um meio muito primitivo de obter informações. Edison disse:

"Alguns dos métodos agora em uso são tão crus, tão infantis e tão anticientíficos que é espantoso como tantos seres humanos, racionais, podem ter qualquer participação nelês. Se algum dia conseguirmos estabelecer contato com personalidades que deixaram esta vida presente, certamente não será por meio

de nenhuma dessas engenhocas que, para o cientista, parecem tão tolas."

Allen L. Benson, que conviveu com Edison durante muito tempo, observou que "quinze anos antes de ele morrer e cinco depois que eu o conheci", a "mente", do inventor, "voltava-se para a vida futura". Em um artigo publicado na revista *Liberty*, Benson disse que a "tentativa", de Edison, "de romper a parede existente entre os vivos e os mortos" deve ter sido impulsionada por um interesse puramente científico. O artigo declara: "Sua tarefa, como um inventor, primeiro fora descobrir os fatos e depois usá-los. Quais eram os fatos sobre o homem? Tinha ele uma alma imortal? Quando a vida terrena cessava ela se extinguia como uma vela que é apagada ou continuava em algum outro lugar? Se ela continuava, poderiam os mortos falar com os vivos?"

Benson recorda que Edison "pensou se não seria possível construir uma máquina que habilitasse a vida futura a dar provas de sua existência por si mesma, sem o auxílio de médiuns ou de outros intermediários humanos vivos. Se os espíritos pudessem comunicar-se com a terra diretamente, as dúvidas logo teriam que acabar. Edison era um cientista e, como tal, tinha um profundo respeito pelos fatos. Ele podia estar errado sobre a alma, a vida futura e a possibilidade de transmitir uma conversação entre os dois mundos. Sendo este o caso, ele desejava mudar o seu curso para ajustar-se aos fatos". O escritor notou que Edison fora influenciado por sua amizade com o cientista inglês Sir William Crookes (1832-1919), cuja "familiaridade com a química e a física não havia destruído sua fé na realidade da vida futura e na capacidade, dos espíritos dos mortos, para comunicar-se com os vivos". Crookes, presidente da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, de 1896 até 1899, havia descoberto o elemento tálio, um tubo de alta rarefação [tubo de Vácuo *Crookes*], que facilitava o Raio-X, além de vidros de alta resistência e mais outros trabalhos pioneiros. De acordo com Benson, "a aceitação da mais diminuta parte da estória de Sir William Crookes teria sido como a explosão de uma carga de dinamite, sob os alicerces da crença de Edison". Sua resposta, naturalmente, seria encontrada em seu laboratório. Benson sugeriu que ele [Edison] pode ter tido a esperança de que "os espíritos inteligentes, se existissem, prefeririam manifestar-se através de meios mecânicos, antes do que por intermédio de seres humanos".